

humanitas



Vol. XXV-XXVI

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HVMANITAS

VOLS. XXV E XXVI



COIMBRA
MCMLXXIII-IV



JANINE DÉBUT, ΔΙΔΑΣΚΩ. *Manuel à l'usage des grands débutants des lycées et universités*. Paris, Les Belles Lettres. Tome I, 1973, XVI + 453 pp., il., e 6 mapas. Tome II, 1974, 100 pp., il. e 1 mapa.

A necessidade de preparar métodos de aprendizagem das línguas para principiantes mais velhos tem-se feito sentir também nas línguas antigas. Em Inglaterra, o *Lampas* de B. R. Rees e Margaret E. Jervis (Oxford, 1970, 21972) tem tido o êxito que bem merece. Em França havia já livros como o *Manuel Pratique de Grec Ancien* de Jean Humbert (Paris, 1962) e o *Cours de Grec Ancien* de A. Lebeau e J. Métayer (Paris, 1970). Estruturado em moldes diferentes, o livro de J. Début procura conciliar as diversas finalidades que o ensino do Grego a adolescentes ou mesmo a adultos deve visar: prática da língua, formação linguística, apuramento do gosto literário, desenvolvimento do espírito crítico, via de acesso a uma cultura. Este último alvo é lembrado constantemente, quer pelo agrupamento temático dos textos, quer pelo comentário e pela rubrica intitulada «Civilisation», quer ainda através de notas esparsas. Ilustrações numerosas e de boa qualidade, e diversos mapas e esquemas contribuem para o bom enquadramento dos assuntos e para o aspecto aliciante dos dois tomos.

Naturalmente que, em matéria tão vasta, e a despeito da sólida informação e das inegáveis qualidades expositivas da A., algumas objecções poderão levantar-se, sobretudo quando toca, no tomo I, em pontos muito controversos, como a cronologia de Homero e Hesíodo (tábua da p. 14); a afirmação reiterada de que só se lia em voz alta (pp. 49 e 163), relacionada com o uso da *scriptio continua* (cf. E. G. Turner, *Athenian books in the fifth and fourth centuries B. C.*, London, 1952, p. 14, nota 4); a definição de ἀνάγκη e designadamente do fatalismo em Ésquilo (p. 85); as origens do teatro (pp. 18 e 95-96), com aceitação de uma das muitas etimologias possíveis para o nome da tragédia e caracterização dos sátiros com caudas caprinas; a atribuição de crenças órficas a Platão (p. 327); a admissão do carácter exclusivamente auditivo do ensino do citarista (p. 174), quando os historiadores da música estão de acordo com os especialistas de vasos gregos quanto à existência de notação musical desde o século VI a. C. (cf. Egert Pöhlmann, *Griechische Musikfragmente*, Nürnberg, 1960, especialmente pp. 7-11).

A parte linguística é sólida e de uma clareza exemplar. A A. conseguiu conciliar o rigor da exegese fonética e morfológica com a necessidade de ir proporcionando conhecimentos, paralelamente, da sintaxe e do vocabulário, único método próprio, como muito justamente afirma na p. XIII, «de dar ao aluno o sentimento orgânico de uma língua».

A escolha dos textos, que já no primeiro volume é sugestiva e variada, torna-se ainda mais interessante no segundo, onde aparece subordinada a quatro grandes temas: Sócrates (excertos de Xenofonte, Platão e Epicteto); História (trechos de Isócrates, Licurgo, Lísias, Xenofonte, Aristóteles, Políbio); Cenas da Vida Quotidiana (Platão, Xenofonte, Lísias, Epicteto, Isócrates); As Ciências (Estrabão, Arquímedes, Hipócrates). Dentro das limitações impostas pelo grau de adiantamento dos alunos, seria difícil oferecer maior variedade de escolha. Por outro lado, a inclusão de tre-

chos científicos, que já se vem praticando na Bélgica há anos, aparece como um complemento indispensável a uma perspectivacão completa do legado cultural grego.

Outro aspecto interessante é a permanente aproximacão dos temas versados com os seus reflexos ou paralelos na literatura francesa, demonstrando assim, a cada passo, a presenca dos elos culturais com o passado e a permanência dos seus valores.

Exercícios numerosos e de técnicas variadas contribuem para facilitar a aquisicão de vocabulário e a retençã das regras gramaticais. De louvar também a presenca de questionários em grego, conduzidos de molde a levar o aluno a reler o texto com atencão e a fixar os termos e as construções nele contidos.

Em livros de finalidade didáctica e de tão boa apresentacão gráfica, é de lamentar o número relativamente elevado de gralhas, sobretudo na acentuacão e espíritos (e.g., no tomo I; εἰ na linha 8 da p. 40; δμοιος na p. 45, linha 4 a contar do fim; τὸ πράγματα, linha 21 da p. 117; ἄλλων na l. 10 do texto da p. 157). De lamentar também que, em obra ilustrada com tanto cuidado, as tábuas dos ideogramas minúsculos e micênicos tenham ficado não só com as legendas dos originais ingleses, mas até com a numeracão que tinham, de onde resulta, por exemplo, que a Fig. 1 tenha ficado colocada umas páginas adiante da Fig. 7 (também no tomo I).

Estas pequenas correccões, entre outras que se poderiam acrescentar, pouco afectam, aliás, o valor global do livro, cujo aparecimento nos apraz saudar como um dos manuais mais completos e atraentes para o ensino da língua grega.

M. H. ROCHA PEREIRA

LEIF BERGSON, *Die Relativität der Werte im Frühwerk des Euripides*. «Studia Graeca Stockholmiensia» V. Uppsala, 1971. 117 pp.

Define o A. na *Introdução* a natureza do seu trabalho: estudar a importância dos valores da ética nobre tradicional, sintetizados na fórmula «virtudes e seu objetivo, a boa fama», para a compreensão das obras pertencentes ao período mais antigo da tragédia euripidiana. Mostra-se consciente do carácter problemático destes valores e salienta a sua intenção de não converter o seu estudo numa análise abstracta de conceitos desligados da realidade material das tragédias, cuja acção dramática pretende, fundamentalmente, esclarecer. As tragédias que o vão ocupar serão a *Medeia*, o *Hipólito*, a *Alceste* e, subsidiariamente, uma obra mais tardia, a *Hécuba*. A investigação é realizada sobre o pano de fundo das discussões sobre problemas éticos a que se entregaram os contemporâneos de Eurípides.

A análise da *Medeia*, centrada na caracterização das duas figuras principais, *Medeia* e *Jasão*, põe, de forma aguda, o problema complexo da caracterização de *Jasão*. Adere o A. à opinião de Wilamowitz, para quem *Jasão* é, na sua conduta, o representante do grego médio do seu tempo. Esta opinião é, porém, desvalorizada por um mais legítimo representante da opinião comum, o Coro da tragédia, que

condena, sem hesitações, o procedimento de Jasão no abandono de Medeia. O facto de Jasão afirmar o seu comportamento regido por antigas virtudes (p. 23) não implica a verdade da afirmação. O A. toma demasiado a sério as palavras de Jasão. Do mesmo modo me parece exagerada a compreensão de L. Bergson relativamente à atitude de Jasão, ao contrair novas núpcias com a filha de Creonte. A generosidade patenteada pelo herói nos vv. 460 sqq. não passa de uma afronta aos sentimentos de Medeia.

A análise que o A. faz do *Hipólito* parece-me menos sujeita a objecções. Os conceitos de *αἰδώς*, *εὐσέβεια* e *σωφροσύνη* são discutidos com rigor e equilíbrio nas suas relações com os factores determinantes da acção dramática. Correcta a orientação de buscar no conceito de «honra» a explicação fundamental das dificuldades que levanta o comportamento de Fedra.

Também a discussão da problemática da *Alceste* merece concordância nas suas linhas gerais. Saliente-se, por ex., a boa valorização da cena Feres-Admeto e a interpretação adequada da angústia de Alceste perante a morte, iluminada pela comparação feliz com o caso da Antígona de Sófocles.

A conclusão do trabalho esclarece, acertadamente, que «os dramas de Eurípedes podem ser considerados como contribuições para o debate sobre os valores humanos» (p. 99), entendendo-se, porém, que o tema essencial das peças nunca é a discussão destes conceitos. Eurípedes, afirma L. Bergson (p. 100), é fundamentalmente um poeta, não um filósofo.

Em apêndice a esta obra apresenta o A. um estudo sobre os planos de vingança de Medeia. O problema central do infanticídio é aqui objecto de larga discussão. Observe-se, em 1.º lugar, que o A. adopta a opinião de Schlesinger sobre o tema da morte «por necessidade» que, a certa altura, sucede ao tema da morte «por vingança», afirmando que o 1.º é parte do 2.º, dado que a morte das crianças é nele considerado como «parte necessária da vingança». O texto (vv. 1236 sqq.) não convida, porém, a esta interpretação: morte por vingança e morte por necessidade surgem como soluções independentes no espírito perturbado de Medeia. E a relação entre a hipotética perseguição dos Coríntios aos filhos de Medeia e a morte destes por necessidade parece evidente a quem considera o texto sem ideias preconcebidas. Isto não quer dizer que a morte dos filhos não deva ser considerada como parte necessária da vingança de Medeia, mas esta, a certa altura, recua ante a perspectiva monstruosa e tenta justificar-se, humanamente, com uma hipotética necessidade. Penso que o perigo dos Coríntios não é mais que uma desculpa a que Medeia se agarra para mascarar momentaneamente a verdadeira intenção do seu acto.

Tem razão o A. ao recusar a tese de Friedrich, segundo a qual a ideia da morte das crianças está de algum modo implícita na decisão de matar a noiva e o pai desta. É que, simultaneamente, Medeia anuncia a morte de Jasão e, neste caso, perde todo o sentido a morte das crianças para fazer sofrer o pai.

Embora considere importante a cena de Egeu, não admite L. Bergson que nela germine em Medeia o pensamento do infanticídio. Valoriza a este respeito o 1.º agon entre Jasão e Medeia (no 2.º episódio), mas, contrariamente à opinião do A., não se deduz dos vv. 573 sqq. que Jasão atribua aos filhos um valor excepcional. Isso é, de facto, visível nos vv. 920 sqq. do 4.º episódio, mas nessa altura já Medeia tomara a sua decisão de infanticídio. Não parece, pois, que seja no referido agon, como pretende L. Bergson (p. 110), que se gera no espírito de Medeia a ideia do

infanticídio, como forma de ferir profundamente Jasão. O impulso decisivo, segundo a opinião geralmente aceite, será dado pela conversa com Egeu. Aliás, o próprio L. Bergson reconhece que nada do que Medeia diz no agon entre ela e o marido dá a entender o que se passa na sua alma (p. 110). Para concluir, direi que é correcta a afirmação da importância das cenas para a compreensão da transformação que se opera no comportamento dos heróis trágicos euripídios (p. 111), mas esta verdade, aplicada à *Medeia* e, mais concretamente, à concepção do plano de infanticídio, deve, em minha opinião, valorizar, não o agon do 2.º episódio entre Jasão e Medeia, mas a cena de Egeu, que ocupa a 1.ª parte do 3.º episódio.

M. OLIVEIRA PULQUÉRIO

JACQUES ANDRÉ — *Emprunts et Suffixes Nominaux en Latin*. Centre de Recherches d'Histoire et de Philologie de la IV^e Section de l'École Pratique des Hautes Études. III. Hautes Études du Monde Gréco-Latin, 4. Genève, Librairie Droz — Paris, Librairie Minard, 1971, 153 pp.

A investigação moderna tende, como é natural, a afinar os seus instrumentos de trabalho, a tornar mais rigorosas as suas metodologias à medida que os campos de investigação, mercê exactamente dessas tendências, se definem com mais nitidez. Um caso é o da lexicologia.

Os estudos sobre o léxico são já de longa data; a curiosidade antiga em relação a palavras de línguas diferentes, as listas de termos e vocábulos organizadas segundo determinados critérios, que podiam ir da articulação fónica mais obediente a uma norma até ao agrupamento da terminologia específica de um dado campo da actividade humana, mais tarde os dicionários — são pontos de uma história longa dos interesses e curiosidades pelo vocabulário.

A reprodução mecânica, em número praticamente infinito, de exemplares sempre iguais, que a tipografia permitiu desde os fins do século xv, facilitou, evidentemente, o interesse pelos dicionários, acabando por se aceitar, metodologicamente, que o léxico de uma língua se esgotava num dicionário.

Mas fácil é compreender a falacidade desta crença. No caso das línguas ditas vivas é mais que óbvia a dificuldade se não a impossibilidade de arquivar a totalidade do léxico; mas no que respeita às línguas antigas a mesma dificuldade subsiste, visto que as investigações epigráficas, alimentadas pelas arqueológicas, vão enriquecendo o património lexical de nós conhecido.

Por outro lado, não basta, para responder às exigências da curiosidade intelectual de hoje, elaborar uma lista de vocábulos; como não é bastante ordená-los de acordo com a cronologia das fontes documentais. Qualquer estudo que incida sobre o vocabulário de uma língua terá que evidenciar o poder criador dessa mesma